

A IMOLAÇÃO

RAUL PILLA

O SUICÍDIO do irmão de Eva Perón foi um sacrifício, que lhe impôs o cunhado. Matou-se não tanto para escapar à punição, como para retardar a queda do regime, que até então o tinha nutrido.

E' a corrupção uma das consequências inevitáveis da ditadura. O ditador corrompe para grangear adeptos e comprar dedicações, corrompe, enfim, para manter-se. Mas tudo tem um limite, principalmente se não se esgotaram no povo as reservas morais. Um momento chega, em que a reação parece inevitável. As nuvens adensam-se no horizonte, o vento sopra com mais força, o mar começa a encrespar-se. E o capitão, se ainda está atento ao comando nas delícias do seu camarim, começa a aliviar a nau, sacrificando não raro os seus mais íntimos comensais.

Foi o que sucedeu na República Argentina. Enquanto viveu a consorte do ditador, João Duarte estêve naturalmente protegido. E, se ela sobrevivesse bastante, iriam todos ao fundo, tragados pela mesma tempestade. O falecimento da «Santa», porém, deixou sem proteção o homem, antes pobre e obscuro, que se tornara o intermediário necessário de todos os grandes negócios, e o nivelou aos demais exploradores do regime. E, sob a pressão das forças morais ainda existentes, formulou-se claramente o dilema: ou o suicídio, ou a punição exemplar e clamorosa. João Duarte foi atirado às feras, para retardar a queda de João Perón. E' o que se colhe da carta deixada pelo suicida.

Mas nada poderá fazer a imolação, senão retardá-la. Desenganem-se quantos, em nosso país, pretendem assentar uma política na sobrevivência da ditadura peronista. O povo argentino está dominado, mas ainda não apodreceu.